



## PARA ALÉM DA DATA: integração de saberes e sensações no dia da consciência negra

beyond the date: integration of knowledge and sensations on Black consciousness day

Cintia Cibele Coelho de Andrade<sup>1</sup>  
Vitor Hugo Rufino Santos Costa<sup>2</sup>

### Resumo

Este artigo relata e debate a experiência da elaboração de instalações artísticas intituladas “Espaço das Sensações: Sons e Sabores” para o Dia da Consciência Negra na Escola Estadual Maria Cristina, escola de Fundamental II em tempo integral, situada na cidade de Parnamirim-RN, no ano de 2023. Com o objetivo de promover a compreensão da historicidade e significado de objetos da cultura afro-brasileira. Para essa atividade integramos os conhecimentos históricos aos saberes informais e interdisciplinares, utilizando como aportes metodológicos autores como Claudia Ricci e Francisco Regis. Tal experiência só foi possível por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), programa em que participamos no subprojeto História Natal coordenado pela Prof. Dra. Margarida Oliveira.

**Palavras chave:** PIBID, Consciência Negra, Ensino de história, Método Histórico, Instalações Artísticas.

### Abstract

This article reports and discusses the experience of creating artistic installations entitled "Space of Sensations: Sounds and Flavors" for Black Awareness Day at Maria Cristina State School, a full-time elementary school located in Parnamirim-RN, in 2023. With the objective to promote the understanding of the historicity and significance of Afro-Brazilian cultural objects, we integrated historical knowledge with informal and interdisciplinary knowledges for this activity, using as methodological foundations authors such as Claudia Ricci and Francisco Regis. Such an experience was only possible through the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID), in which we participated in the History Natal subproject coordinated by Prof. Dr. Margarida Oliveira.

**Keywords:** PIBID, Black Awareness, History Teaching, Historical Method, Artistic Installations.

<sup>1</sup> Graduanda em História; Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN); Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais ( EPPS); <http://lattes.cnpq.br/5054521780757770>; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior ( CAPES) ; cintia.andrade.088@ufrn.edu.br

<sup>2</sup> Graduando em História; Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN); Grupo de Pesquisa Espaços, Poder e Práticas Sociais ( EPPS); <http://lattes.cnpq.br/6690115955947955>; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior ( CAPES) ; vitor.hugo.rufino.109@ufrn.edu.br



## Introdução

Este trabalho versa sobre o ensino de história por meio de instalações artísticas feitas com o objetivo de estimular reflexões acerca do Dia da Consciência Negra, no ano 2023, na Escola Estadual Maria Cristina (EEMC) - escola de Ensino Fundamental II com aulas em tempo integral - situada na cidade de Parnamirim-RN. A realização das instalações só foi possível por termos participado de um projeto formativo ímpar: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

O programa surgiu de uma demanda das licenciaturas por um contato com a docência já no início da graduação, buscando sanar as lacunas formativas dos cursos de Ensino Superior. Dessa forma, o programa tem por objetivo acelerar o processo formativo de professores, assim como formar profissionais de excelência. Para que isso seja possível é feita a integração entre o Ensino Superior e o Básico, por meio da inserção dos licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de Educação Básica - com isso, fomentando saberes inerentes ao fazer docente.

A metodologia do PIBID se baseia em funções bem delimitadas, contudo, os cargos com os quais tivemos mais contato durante o decorrer do programa foram:

**1- Coordenador:** Professor Universitário ligado ao departamento correspondente ao programa.

**2- Supervisor:** Professor da rede básica de ensino que recebe os bolsistas nas escolas.

**3- Bolsistas<sup>3</sup>** Alunos de licenciatura que participam do programa institucional, também chamados de pibidianos.

Por ser uma iniciativa de abrangência nacional, o PIBID tem subprojetos ao redor do país. No nosso caso, por sermos alunos da Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), participamos do subprojeto

<sup>3</sup> No caso do subprojeto história/natal iniciamos com 8 bolsistas e 1 voluntário no ano de 2022 e posteriormente no ano de 2023 expandimos para 24 bolsistas.



História/Natal<sup>4</sup>, durante o período compreendido entre Outubro de 2022 e Março de 2024, sob Coordenação da Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira - professora do Departamento de História da UFRN -, e Supervisão de Três professores Supervisores, em três escolas distintas da rede pública de ensino. Na EEMC, o supervisor foi o Prof. Dr. Robson William Potier, que supervisionou 8 pibidianos<sup>5</sup>.

Nossa atuação no PIBID se dividia em dois momentos, sendo o primeiro deles de formação que acontecia por meio de encontros semanais envolvendo todos os pibidianos e a coordenadora, com o intuito de relatar e discutir o que estávamos fazendo e o que pretendemos fazer, além de discutirmos bibliografia, palestras com outros profissionais convidados, a depender da demanda dos pibidianos, dos supervisores e da coordenadora. Também, efetuamos aulas de campo em museus, centros históricos e acervos, sempre com o intuito de entender as potencialidades dos espaços e compreender os múltiplos aspectos do fazer docente.

O outro momento era a atuação nas escolas, em que nos dividimos em duplas ou trios de pibidianos e íamos para as escolas sob supervisão do professor, no nosso caso, acompanhamos semanalmente as aulas de História do 6º ano A. Aqui falamos escola, pois, por mais que cada dupla acompanhasse uma turma em um horário específico, nossa atuação não se deteve apenas à sala de aula, mas sim à escola como um todo ao participarmos de reuniões pedagógicas e de pais e mestres, conselho escolar, diálogo com a gestão e momentos culturais e esportivos extra sala de aula; e, dessa forma, mergulhamos nos múltiplos aspectos do fazer docente.

Nós, do PIBID História/Natal, trabalhamos com a tese de que o que norteia o Ensino de História é o método histórico. Esse pensamento é corroborado pelos extensos e inúmeros estudos de Itamar Freitas sobre a origem e o uso do método histórico. Um deles é o artigo intitulado “MÉTODO HISTÓRICO NA HISTORIOGRAFIA ALEMÃ (1736-1913)”, publicado em Janeiro de 2023 - nele, o

<sup>4</sup> Daqui em diante, todas as vezes que falarmos de PIBID estaremos nos referindo ao PIBID História/Natal, quando não, especificamos.

<sup>5</sup> Inicialmente o Professor Robson Potier foi o único supervisor, porém, com a ampliação recebida em 2023 os demais supervisores embarcaram no projeto com os demais pibidianos.



autor aborda como ao longo dos séculos os historiadores foram nomeando o que rege o fazer histórico e delimitando os seus passos e funções, que, por mais que haja pequenas diferenças de nomenclatura, há sempre fatores comuns de fundo, evidenciando que há um regimento que norteia a produção histórica e consequentemente o ensino de história.

No nosso caso, estabelecemos que o Método Histórico consiste em 5 etapas sendo eles:

- Pergunta/problema: o que se deseja investigar/solucionar por meio da História?
- Recorte espaço-temporal: qual período e espaço devemos estabelecer para responder o questionamento inicial?
- Fontes: que fontes devemos buscar?
- Metodologia: como trilharmos o caminho para responder a questão/problema? correlacionando com as fotos e o recorte espaço temporal. Será por meio da História Oral, análise de imagem, comparação, quantificação, *collage*, museologia...?
- Narrativa: o que produziremos ao responder nossa pergunta?

Esses são os passos da pesquisa histórica, porém, o adaptamos para o ensino ao utilizarmos esses passos durante toda a nossa atuação docente, do planejamento, execução e avaliação.

Simultaneamente, trabalhamos com a tese de que a função do historiador é ensinar, como afirma John Lewis Gaddis em seu livro “Paisagens Da História - Como Os Historiadores Mapeiam O Passado”<sup>6</sup>. Corroborando com as ideias deste autor, temos a Historiadora Maria Luiza Lins, que coloca em sua dissertação :

<sup>6</sup> Esta obra, foi fruto de aulas dadas por Gaddis no Ensino Superior, aborda questões que vão desde a função da História, da concepção de história enquanto ciência e das ciências que se *historicizaram* com o decorrer dos anos, identifica a história como uma paisagem a ser observada do alto de uma montanha, sendo esta paisagem o passado ou o futuro, fala sobre o método histórico e como ao operacionar corretamente conseguimos desenvolver a consciência histórica e tendo o Historiador a função última de ensinar podendo promover a liberdade ou opressão individual e coletiva.



A aprendizagem da História nos permite alargar nossa experiência por meio do conhecimento de outros lugares e sociedades que já não existem. Conhecer nossa própria sociedade em diferentes épocas e compreender outras formas de agir, pensar e sentir também são ações que contribuem para ampliar nossa perspectiva e compreensão do mundo. (Lins, 2023, p. 17)

Com isso, temos que a História promove a libertação e a opressão ao lembrar por meio do tempo as diversas sociedades, indivíduos e modos de viver e pensar que já existiram, identificando rupturas, continuidades, ações e consequências.

Ademais, também trabalhamos com a ideia de que “O ensino de História em uma sociedade democrática, assim, atende a multiplicidade de demandas” (Oliveira & Souza, p. 114, 2017). Com isso, durante o nosso período de iniciação à docência na Escola Maria Cristina, percebemos que havia uma grande parcela de alunos autodeclarados negros e que a questão afrobrasileira e identitária era uma demanda deles. Ao se aproximar do fim do ano, os alunos demandaram à gestão escolar um evento com duração de um mês sobre a Consciência Negra; porém, devido a demandas internas da escola, só foi possível separar um dia para essas atividades.

Evidenciamos que a temática identidade e diversidade cultural foi trabalhada ao longo de todo o ano, em sala de aula e com a comunidade escolar. Como já relatado anteriormente por *Dutra et al*, em “O pibid e a gincana estudantil: sociabilidades, interdisciplinarização de saberes e práticas na Escola Estadual Maria Cristina - RN”, não sendo as instalações artísticas aqui presentes, uma mera atividade protocolar para o dia da consciência negra.

Com a demanda em mãos, voltamo-nos para o planejamento em grupo, pois toda atividade precisa ser cuidadosamente planejada de forma a otimizar o ensino. Durante os nossos encontros de formação, tivemos a oportunidade de visitar diversos museus dentro e fora da cidade de Natal. A partir das visitas, pudemos refletir sobre os projetos expográficos e a forma como os diferentes espaços criaram narrativas de acordo com o seu público e seu objeto. Dessa forma, aliado ao método histórico, decidimos utilizar a museologia como metodologia para construir uma narrativa utilizando instalações artísticas com o intuito de promover o ensino de história, ao



passo que aproximamos os museus aos alunos, tendo em vista que muitos deles relataram que nunca haviam frequentado um espaço como aquele.

Elaboramos as instalações de maneira a afetar a parte sensorial de seus visitantes ao estimular os sentidos das mais diversas formas. Logo, para a elaboração das instalações do dia da consciência negra, fizemos uma sala que possuía temperos e comidas típicas afro-brasileiras, bem presentes na culinária do cotidiano nacional de forma a despertar e estimular o olfato, paladar e visão dos visitantes. Como pode ser observado na figura a seguir:



Figura 1: Fotografia de acervo pessoal demonstrando os temperos presentes na instalação (novembro/2023).

Em outra sala, foi realizada uma intervenção com vários instrumentos musicais como o agogô, xique-xique, caxixi, pandeiro, dentre outros. Todos ligados ao universo cultural de artistas com raízes africanas e seus desdobramentos em ritmos musicais como o samba, o jazz e o blues. Também contamos com discos de vinil de artistas negros e uma vitrola para reproduzir as faixas contidas neles. também decoramos as paredes das salas com vinis que já não mais serviam para reprodução. Nessa sala, também foram colocadas outras contribuições culturais das origens negras no brasil, tais como banners sobre danças e comemorações típicas dos quatro cantos do país,



além de obras literárias que discutiam o tema da relevância da cultura negra, o que chamamos de Afro-hits, assim estimulando a visão, tato e audição.



Figura 2: Livros paradidáticos apresentados como forma de contribuição cultural da herança africana (Novembro/2023).





Figura 3: Banners contendo representações culturais afrobrasileiras e em segundo plano violão na sala Instalação Sons (Novembro/2023).



Figura 4: Discos de Vinil levados para a reprodução na instalação sobre cenário musical afro-descendente (Novembro/2023).

Para escolher os itens que comporiam nossa exposição, pensamos em coisas que fizessem parte do cotidiano das pessoas que visitaram a exposição, embasados no que diz Cláudia Sapag Ricci no capítulo intitulado “museu do Belo”. Belo nesse caso não é um adjetivo, mas sim o nome de uma criança que criou o seu próprio museu com objetos significativos para ele, sobre isso a autora fala que trabalhar com museus em sala de aula:

É uma boa oportunidade para rever essa concepção e buscar trabalhar a idéia do objeto como importante e significativo para o aluno, a história do objeto, sua origem, como ele chegou as mãos desse aluno, as diferentes percepções além da visual (como olfato e tato), idéias sobre a construção desse objeto, do trabalho que ele contém, entre outras questões. (Ricci, p.38, 2007)



Elaborar uma narrativa que dialogue com o público é o princípio fundamental de qualquer parte do trabalho docente que presume a interação<sup>7</sup>. Isso decorre, também, da necessidade de gerar empatia no público em que se conversa na exposição para que seja gerada uma afetação na pessoa em que vista a exposição. Nesse sentido, a escolha dos elementos para a exposição perpassa pela educação patrimonial, de maneira a gerar reflexões sobre o que é patrimônio cultural e como ele se manifesta nas esferas do cotidiano.

Em cada uma dessas intervenções, os alunos foram os monitores das visitações. Em sala de aula, previamente, foram instruídos e preparados a estudar sobre o tema que apresentariam para poder auxiliar os convidados da comunidade escolar ao passo em que eles observavam os instrumentos presentes nas salas da exposição. Para isso, recomendamos que os alunos promovam uma interação com seus interlocutores e não que meramente fizessem uma exposição, pois esse fator foi algo que nos incomodou quando visitamos os museus na nossa fase de formação. Nesse âmbito, utilizamos como apporte a ideia defendida por Francisco Régis Lopes Ramos no livro “A danação do objeto: O museu no ensino de História” em que ele coloca que:

Uma das formas de fugir desse método é assumir a prática de também fazer perguntas, com o intuito de despertar, no visitante, reflexões sobre o que está sendo visto - abertura para o diálogo criativo, pois depende das peculiaridades de cada um que vai ao museu. O monitor não deve expor a exposição e sim provocar, nos visitantes, a vontade de ver objetos. (Ramos, p. 26-27, 2004)

Com isso montamos a exposição de forma que ela fosse autoexplicativa, mas que tivesse a figura do monitor para levantar tais questionamentos e potencializar o espaço formativo.

Com isso, durante o nosso planejamento cumprimos os passos do método histórico. A pergunta/problema a ser sanado era a de como atender a demanda do corpo estudantil por um evento no dia da consciência negra e como efetuar o ensino de

<sup>7</sup> Conceito de *trabalho interativo* descrito pelos professores Tardif e Lessard na obra *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*.

história durante esse momento. Nossa recorte espaço/temporal foi o Brasil pós colonização. Utilizamos fontes diversas acerca da cultura afrobrasileira, estabelecemos que a metodologia utilizada seria o ensino museológico e a narrativa criada foram as instalações.

O momento separado pela gestão escolar para as atividades do dia da consciência negra, foi a própria segunda feira, 20 de Novembro de 2024, por isso, nós pibidianos fomos em conjunto organizar as instalações na sexta-feira, porém o evento foi adiado devido ao falecimento do ASG da escola<sup>8</sup>. Com isso as atividades foram realizadas ao longo de toda a segunda-feira seguinte, 27 de Novembro de 2024. Tanto com as turmas do ensino fundamental integral, como na Educação de Jovens e Adultos( EJA) no turno da noite.

As instalações do PIBID foram as últimas atividades, em cada turno, que contou também com: Momento Literário sobre personalidades negras, Palestra sobre a origem do dia da consciência negra e as motivações por trás dele, apresentação de Slam e Poesia, Palestra sobre Religiões Afro-Brasileiras, momento de interlocução entre dança e ancestralidade com apresentação de Carimbó e Capoeira e por último as instalações Sons e Sabores.

Esta foi a última atividade coletiva do PIBID história na EEMC e após a aplicação dessa sequência didática o que ficou para nossa experiência enquanto pibidianos foi principalmente a mudança da visão sobre os espaços que frequentamos, pois agora, ela se tendencia a reflexão e o olhar para os locais que visitamos observando a potencialidade que esses locais têm para um propósito educacional. Ao refletir sobre os ambientes que frequentamos e quando observamos como podemos utilizar o método histórico nessas situações, é possível elaborar novas metodologias para o ensino. Daí a importância do professor frequentar e consumir locais de arte e cultura, pois elas são um produto da expressão humana, ou seja, uma narrativa.

<sup>8</sup> Aqui prestamos as nossas condolências: Uma figura super prestativa que sempre nos ajudou durante as nossas atividades, como também ajudava toda a comunidade escolar.



Extraímos esses aprendizados por meio das vivências tanto da visita aos museus quanto das observações tidas durante o dia da aplicação da sequência didática. Após a intervenção do dia da consciência negra, que foi elaborada e integrada pelos oito pibidianos do Maria Cristina, pudemos colher dos nossos alunos respostas muito positivas, tanto relativas à beleza estética que seduziu os alunos para as instalações quanto ao caráter da auto identificação, com os alunos querendo se envolver nas apresentações. Esse impacto na escola expandiu os limites da nossa turma de sexto ano pois invadiu toda a comunidade escolar contagiando o sentimento de pertencimento, desde os pais dos alunos. Por outro lado, os alunos da Educação para Jovens e Adultos no turno da noite que ressignificaram as instalações, pois eles mesmos apresentaram e contextualizaram os objetos ali presentes, fazendo conexões com as suas vivências, o que corrobora com as ideias defendidas pelos nossos aportes teóricos de que cada indivíduo comprehende e vivencia o museu de acordo com a sua experiência prévia.

Com os comentários feitos entre nós pibidianos, pelo supervisor, pelos corpo docente da EEMC e dos alunos, e juntamente com a reflexão acerca do nosso trabalho utilizando o método histórico, concluímos que essa foi uma experiência exitosa, pois conseguimos consolidar o ensino por meio da narrativa criada, conseguimos suprir a demanda inicial ao selecionarmos as nossas fontes, definirmos o recorte espaço temporal e escolhermos tal metodologia. Acreditamos que no futuro os alunos e todos os envolvidos no dia lembrem não que no dia 27 de novembro de 2024 houve uma instalação na Escola Maria Cristina, mas sim que eles aprenderam e refletiram sobre a afro brasiliade ao longo de todo o dia 27.

Portanto, compreendemos que ter o método histórico como instrumento basilar de todo esse processo foi fundamental para que tenhamos sempre como farol a metodologia científica que embasa o trabalho do historiador, pois pudemos buscar, planejar, aplicar e avaliar o que foi aplicado de acordo com critérios previamente estabelecidos fomentando um aprendizado efetivo, plural e com uso real no cotidiano dos nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

DUTRA, Yara Galdino et al.. O pibid e a gincana estudantil: sociabilidades, interdisciplinarização de saberes e práticas na escola estadual maria cristina - rn. Anais do IX ENALIC... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/103848>>. Acesso em: 23/09/2024 17:47.

Gadis, John Lewis. Paisagens da história: como os historiadores mapeiam o passado/ John Lewis Gaddis; tradução de MArisa Rocha Motta – Rio de Janeiro: Campus, 2023.

OLIVEIRA, MARGARIDA MARIA DIAS DE; SOUZA, W. O. . O PIBID e o espaço escolar como formadores de professores de história: os desafios para a junção teoria e prática. In: Laurécio de Araújo Sá Júnior; Cynara Teixeira Ribeiro; Marta Aparecida Garcia Gonçalves. (Org.). Compartilhando saberes na construção da docência no PIBID/UFRN. 1ed.: EDUFRN, 2017, v. , p. 108-128.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

RICCI, Cláudia Sapag. Pesquisa como ensino: Textos de apoio, Propostas de Trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TARDIF, M.; LESSARD, C. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CAPES. PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência,2024. Disponível em:<<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>>. Acesso em: 01, dezembro 2024.

Freitas, Itamar. Método Histórico Na Historiografia Alemã (1736-1913). Revista Eletrônica Trilhas da História, Três Lagoas, v. 12, n. 23, p. 137- 159, jan. 2023. Disponível em<<https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/17477>>

LINS, Maria Luiza Dantas. *Aprender para ensinar, conhecer para descobrir: os ensinos de história nos cadernos de planejamento de uma professora em Natal*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.